

A IMPORTÂNCIA DA REDE DE APOIO PARA PACIENTES ADICTOS

Varali, Caroline Terezinha.
Spiegel da Silva, Lara Fernanda.
Rempel Torres, Nathalya.
Batista Moreira Lopes, Silvana

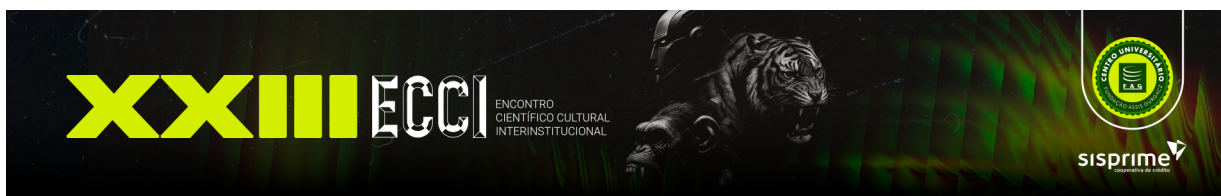
RESUMO

A dependência química é uma condição complexa e multifatorial que afeta milhões de pessoas em todo o mundo. O tratamento desse transtorno exige abordagens integradas que vão além do enfoque biomédico, englobando aspectos psicossociais fundamentais para a reabilitação e a reinserção social do sujeito. Neste contexto, a rede de apoio exerce papel essencial, funcionando como sustentáculo emocional, afetivo e social. Este artigo tem como objetivo analisar a importância da rede de apoio no tratamento de pacientes adictos, destacando a influência positiva dos vínculos familiares, sociais e institucionais no processo terapêutico. Para isso, foi realizada uma revisão bibliográfica qualitativa, aliada a observações de campo em uma clínica de reabilitação. Os resultados apontam que o fortalecimento da rede de apoio está diretamente relacionado à eficiência do tratamento e à redução das recaídas.

PALAVRAS-CHAVE: dependência química; rede de apoio; tratamento; suporte social; reabilitação.

1. INTRODUÇÃO

A dependência de substâncias psicoativas representa, atualmente, um dos mais complexos e persistentes desafios enfrentados pela saúde pública em âmbito global. Reconhecida pela Organização Mundial da Saúde (2020) como uma condição crônica, progressiva e de origem multifatorial, essa problemática transcende os limites individuais e se inscreve em dinâmicas



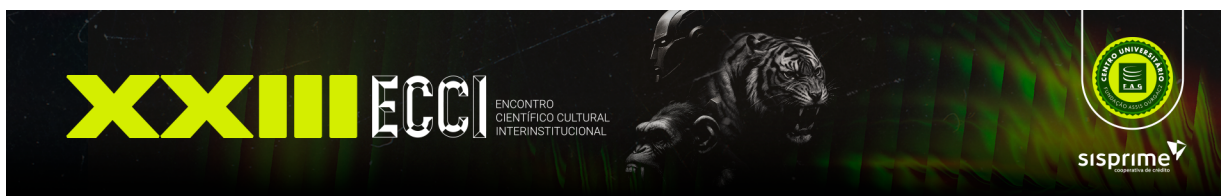
sociais, culturais, econômicas e afetivas. Embora os fatores biológicos e psicológicos desempenhem papel relevante na compreensão do quadro clínico, é inegável que a dependência química impacta profundamente os vínculos interpessoais, provocando rupturas no tecido social e familiar do sujeito, e contribuindo para o agravamento de situações de vulnerabilidade, exclusão e sofrimento psíquico.

Nesse sentido, torna-se indispensável adotar uma perspectiva terapêutica ampliada, que ultrapasse a lógica biomédica centrada apenas na abstinência e na medicalização, para incorporar dimensões relacionais e sociais do cuidado. A literatura especializada tem apontado que a presença de redes de apoio sólidas, compostas por familiares, amigos, profissionais da saúde e instituições comunitárias, exerce papel determinante na adesão ao tratamento, na resiliência frente às dificuldades e na prevenção de recaídas (Costa & Cortez, 2017; Sluzki, 1997). A rede de apoio não apenas acolhe e ampara, mas também opera como instrumento de reconstrução do sentimento de pertencimento, de resgate da dignidade e de reconfiguração das trajetórias existenciais de sujeitos marcados por estigmas e exclusão.

Dessa forma, este artigo tem como objetivo analisar a importância da rede de apoio no tratamento de pessoas em situação de dependência química, compreendendo como a presença e o fortalecimento de laços afetivos e institucionais influenciam diretamente no sucesso terapêutico. A análise será construída com base em referenciais da Psicologia Social e da Psicologia da Saúde, articulando fundamentos teóricos com dados empíricos obtidos por meio de observações de campo realizadas em uma clínica de reabilitação localizada na região sul do Brasil. Visa, com isso, contribuir para a ampliação do debate sobre práticas de cuidado mais humanizadas, integradas e sensíveis à complexidade do fenômeno da dependência.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A dependência química, de acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), é definida como um padrão disfuncional de uso de substâncias psicoativas, resultando em prejuízos clínicos e sociais significativos ao indivíduo (ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA, 2014). Contudo, para além do uso compulsivo da substância, observa-se que os indivíduos acometidos por essa condição frequentemente enfrentam múltiplas vulnerabilidades, tais como o rompimento de vínculos afetivos, o desemprego, a exclusão social e a estigmatização.



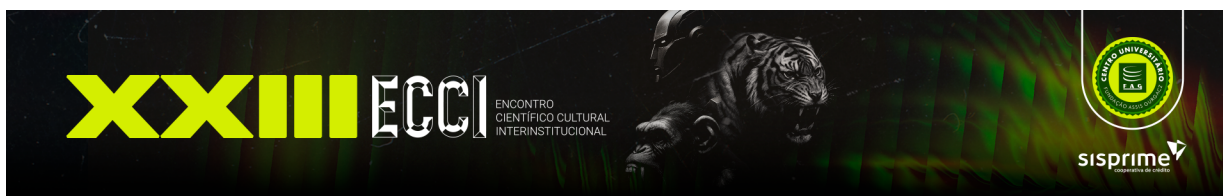
Sob a ótica da Psicologia, a dependência química é compreendida como um fenômeno de natureza biopsicossocial, cuja complexidade exige análise integrada de aspectos biológicos, psicológicos, históricos, culturais e sociais (DIMENSTEIN, 2001). Diante disso, torna-se evidente que abordagens terapêuticas centradas exclusivamente na abstinência revelam-se limitadas, na medida em que desconsideram a subjetividade do sujeito e a centralidade das relações interpessoais na construção de trajetórias de cuidado e recuperação.

Nesse contexto, destaca-se a relevância da rede de apoio social como componente essencial no enfrentamento da dependência química. Essa rede pode ser compreendida como o conjunto de relações interpessoais que oferecem suporte afetivo, emocional e prático, contribuindo para o fortalecimento do sentimento de pertencimento e segurança do indivíduo (SLUZKI, 1997). As redes primárias englobam familiares, amigos e vizinhos, enquanto as redes secundárias são constituídas por instituições e serviços formais, como os equipamentos da saúde mental, da assistência social, comunidades terapêuticas e grupos de ajuda mútua, a exemplo dos Narcóticos Anônimos e Alcoólicos Anônimos.

Estudos demonstram que o fortalecimento dessas redes exerce impacto positivo direto no processo terapêutico, promovendo o aumento da autoestima, a diminuição do sentimento de solidão e a ampliação da resiliência frente às adversidades (BESSA, 2013). Nesse sentido, Costa e Cortez (2017) apontam que o suporte familiar e social se configura como um dos principais fatores protetivos durante o tratamento, influenciando diretamente na adesão e na continuidade da intervenção terapêutica.

Adicionalmente, é imprescindível reconhecer o papel da família como agente co-participante no processo de reabilitação do sujeito em situação de dependência. Conforme salientam Silva e Oliveira (2015), “a exclusão da família do tratamento do adicto compromete a reinserção social e prejudica a continuidade da abstinência” (p. 98). Quando adequadamente orientada, a família pode representar uma fonte significativa de apoio no enfrentamento de crises, na prevenção de recaídas e na reintegração social do indivíduo.

Dessa forma, constata-se que uma abordagem eficaz para o tratamento da dependência química deve articular ações intersetoriais e considerar a inserção do sujeito em sua rede relacional. A valorização da dimensão subjetiva e do suporte social é, portanto, condição indispensável para a



construção de estratégias terapêuticas que favoreçam a autonomia, a dignidade e a cidadania dos indivíduos em processo de recuperação.

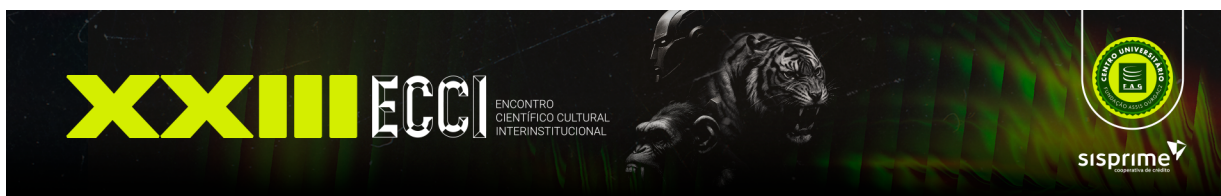
3. METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa, de natureza descritiva, com delineamento exploratório. O método qualitativo foi escolhido por permitir uma compreensão aprofundada das experiências e percepções dos sujeitos envolvidos, especialmente no que se refere ao papel da rede de apoio no processo de reabilitação de pacientes com transtornos relacionados ao uso de substâncias psicoativas (Minayo, 2001). A natureza descritiva visa registrar e analisar os fenômenos observados em seu contexto real, sem manipulação de variáveis, buscando compreender significados, comportamentos e relações sociais.

Quanto aos procedimentos metodológicos, foram adotadas a pesquisa bibliográfica e a observação participante como estratégias complementares. A pesquisa bibliográfica consistiu na análise de livros, artigos científicos, dissertações, teses e documentos institucionais publicados entre os anos de 2000 e 2024, com ênfase em materiais disponíveis em bases como SciELO, PePSIC e Google Acadêmico. Essa revisão teve como finalidade reunir referenciais teóricos que sustentam a discussão sobre a importância da rede de apoio no tratamento de dependentes químicos, com enfoque nos aspectos psicológicos, sociais e institucionais do processo de recuperação (Gil, 2008).

A observação participante foi realizada em uma clínica de reabilitação situada no estado do Paraná, que atende pacientes diagnosticados com transtornos por uso de substâncias psicoativas. Esse recurso metodológico permitiu à pesquisadora adentrar o ambiente terapêutico e acompanhar as dinâmicas grupais, interações interpessoais e a atuação da rede de apoio nas atividades cotidianas da instituição. As observações ocorreram durante encontros semanais com grupos terapêuticos e rodas de conversa, ao longo de dois meses consecutivos. A presença ativa da pesquisadora no campo proporcionou uma maior aproximação com os participantes e com os profissionais, possibilitando a apreensão de elementos subjetivos e contextuais do fenômeno estudado (Turato, 2003).

As informações obtidas por meio da observação foram registradas em um diário de campo e analisadas conforme a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2016), que consiste na organização sistemática dos dados, com posterior categorização e interpretação dos conteúdos



emergentes. Essa técnica é amplamente utilizada em pesquisas qualitativas por favorecer a identificação de temas, padrões e sentidos atribuídos pelos sujeitos às suas experiências.

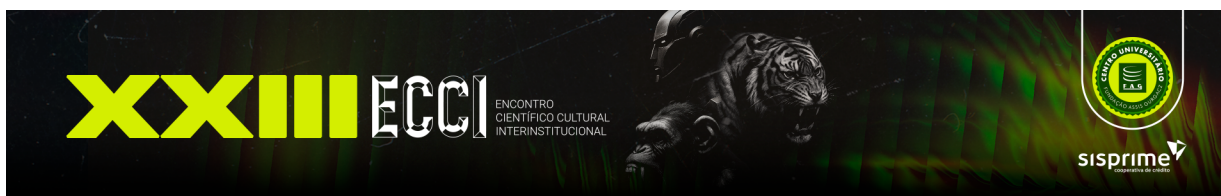
No que diz respeito aos aspectos éticos, a pesquisa seguiu as diretrizes da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta as pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Todos os participantes foram informados sobre os objetivos do estudo, sendo garantido o anonimato, a confidencialidade das informações e o direito de desistência a qualquer momento. Nenhum dado pessoal ou institucional foi divulgado, respeitando-se os princípios da ética na pesquisa com seres humanos.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Durante o acompanhamento das atividades institucionais e as observações de campo realizadas em contexto clínico-terapêutico, foi possível identificar que a presença — ou a ausência — de uma rede de apoio consistente impacta de maneira direta e significativa tanto no comportamento dos pacientes quanto na adesão ao tratamento. Os dados observacionais revelaram que os indivíduos que mantinham vínculos afetivos ativos, especialmente com familiares, e que recebiam visitas frequentes, apresentavam maior engajamento nas atividades propostas, mais disposição emocional e uma perspectiva de futuro mais esperançosa. Esses pacientes tendiam a verbalizar objetivos a médio e longo prazo, demonstrando maior motivação para reconstruir sua trajetória pessoal e social, bem como para restabelecer vínculos afetivos previamente fragilizados.

Esse fenômeno pode ser compreendido à luz da concepção de rede de apoio enquanto estrutura protetiva que fornece suporte emocional, afetivo e instrumental. Segundo Sluzki (1997), as redes sociais exercem função crucial na sustentação da saúde mental, sendo capazes de influenciar significativamente os processos de adoecimento e cura. No caso da dependência química, marcada por rupturas relacionais e histórico de exclusão social, a reconstrução dessas redes constitui um fator fundamental para a reintegração social do sujeito e para a eficácia das intervenções clínicas.

Por outro lado, os pacientes que relataram ausência de vínculos familiares, histórico de abandono ou sentimento de solidão mostraram-se mais suscetíveis a recaídas, episódios de desorganização emocional e resistência às intervenções terapêuticas. Nessas situações, foram frequentes manifestações como apatia, desmotivação, irritabilidade e dificuldades de convivência grupal. A falta de uma rede de apoio minimamente estruturada não apenas compromete a continuidade do

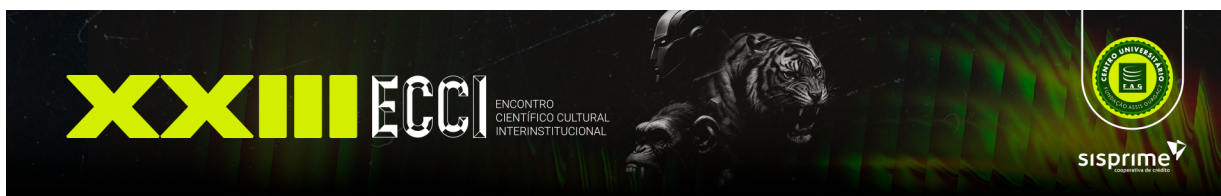


tratamento, mas também potencializa o sentimento de desamparo e a descrença na própria capacidade de mudança. Esses dados empíricos estão em consonância com a análise de Barros e Silva (2018), que afirmam que “o suporte emocional durante a fase de tratamento representa uma rede de sustentação vital diante das instabilidades emocionais do processo de abstinência” (p. 47), ressaltando a importância de um suporte contínuo no enfrentamento das flutuações emocionais características do processo de reabilitação.

Outro aspecto relevante identificado nas observações refere-se à participação, ainda que esporádica, de familiares nos encontros terapêuticos. Muitos pacientes relataram que o envolvimento de filhos, pais ou cônjuges nos momentos institucionais funcionava como fator motivacional importante, fortalecendo seu compromisso com o tratamento e contribuindo para a construção de um sentido de pertencimento e de reconhecimento. Essa participação, mesmo que pontual, foi percebida pelos pacientes como uma forma de valorização de seus esforços e de reaproximação com a vida familiar.

Além do suporte familiar, observou-se a relevância dos laços estabelecidos entre os próprios pacientes no interior da instituição. As trocas interpessoais, a solidariedade e o compartilhamento de vivências entre pares emergiram como dispositivos terapêuticos potentes, especialmente nos momentos de crise emocional ou de insegurança em relação à abstinência. O apoio mútuo, construído no cotidiano institucional, revelou-se uma alternativa eficaz para minimizar sentimentos de isolamento e para promover o senso de coletividade. De acordo com Sluzki (1997), "a qualidade dos laços estabelecidos em contextos terapêuticos pode reconstruir vínculos e resgatar a dimensão do cuidado", apontando para a potência relacional dos espaços grupais na reconfiguração subjetiva do indivíduo.

Diante do exposto, é possível afirmar que o fortalecimento das redes de apoio, sejam elas familiares, comunitárias ou institucionais, representa um componente estruturante no processo de recuperação de pessoas em situação de dependência química. A construção e o resgate de vínculos significativos não apenas favorecem a adesão ao tratamento, mas também operam como fatores de proteção frente às vulnerabilidades emocionais e sociais que caracterizam esse quadro clínico. Assim, torna-se imprescindível que as políticas públicas e os serviços de saúde mental incorporem, de forma efetiva, estratégias que considerem a dimensão relacional como eixo central no cuidado e na promoção da saúde integral dos sujeitos em sofrimento psíquico.



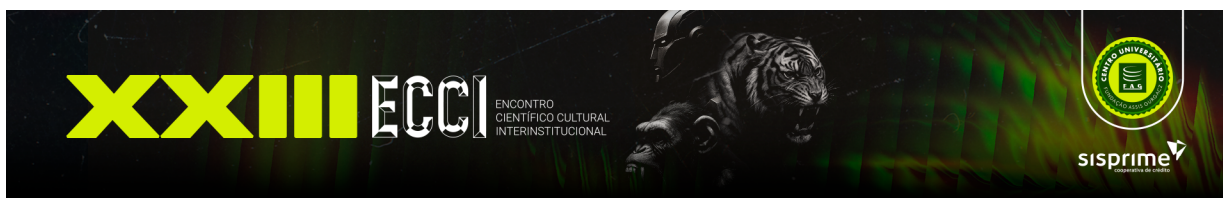
Adicionalmente, é importante considerar que a ausência de suporte social durante o tratamento compromete não apenas o bem-estar emocional imediato, mas também a capacidade do indivíduo de elaborar projetos de vida sustentáveis no período pós-internação. Conforme apontam Costa e Cortez (2017), o isolamento social figura como um dos principais fatores de risco para a recaída, especialmente em contextos em que o indivíduo retorna a ambientes familiares ou comunitários marcados por conflitos, negligência ou mesmo incentivo ao uso de substâncias. Nesse sentido, a articulação entre os serviços de saúde mental e as redes de apoio territoriais torna-se imprescindível para a construção de estratégias integradas de cuidado, com vistas à reinserção social e à promoção da autonomia dos sujeitos em tratamento.

Além disso, a literatura especializada enfatiza a importância da intervenção terapêutica centrada na reconstrução dos vínculos afetivos e na inclusão da família como coautora do processo de reabilitação. Silva e Oliveira (2015) defendem que o envolvimento familiar qualificado atua como elemento fundamental na prevenção de recaídas e na consolidação da abstinência. Tal envolvimento, porém, não deve se restringir à presença física em visitas ou reuniões, mas deve envolver ações educativas e psicossociais voltadas à ressignificação das relações familiares, muitas vezes marcadas por episódios de violência, culpa e desconfiança. Deste modo, o fortalecimento da rede de apoio não se dá apenas pela quantidade de vínculos, mas principalmente pela qualidade das interações estabelecidas, o que requer um olhar clínico ampliado e intersetorial sobre os processos de cuidado em saúde mental.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da análise realizada, torna-se evidente que a rede de apoio constitui um elemento central e imprescindível no tratamento de pacientes com transtornos relacionados ao uso de substâncias psicoativas. Ao considerar as múltiplas dimensões envolvidas no processo de reabilitação — emocional, social, psicológica e institucional — percebe-se que os vínculos afetivos e relacionais estabelecidos no âmbito familiar, comunitário e terapêutico não apenas auxiliam na adesão ao tratamento, mas também atuam como fator de proteção frente às recaídas e ao agravamento do sofrimento psíquico.

A ausência ou fragilidade da rede de apoio pode contribuir para o isolamento social, a sensação de desamparo e o agravamento da sintomatologia associada à dependência, o que compromete

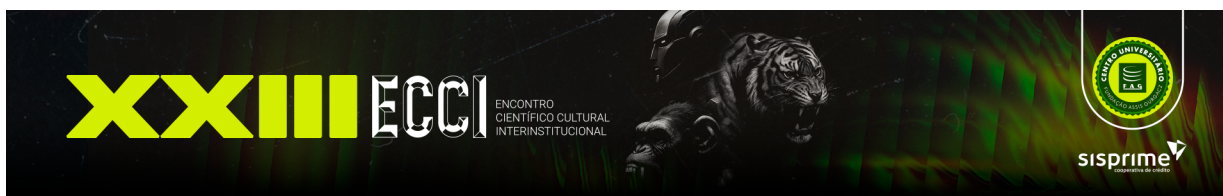


significativamente os avanços terapêuticos e a reinserção social do sujeito (Costa & Siqueira, 2012). Por outro lado, quando o paciente é acolhido em um ambiente relacional sólido, com laços significativos e suporte contínuo, observa-se uma elevação nos níveis de engajamento, resiliência e esperança, elementos fundamentais para a manutenção da abstinência e para a reconstrução de um projeto de vida saudável (Andrade & Oliveira, 2014).

Nesse contexto, cabe às instituições de saúde e aos profissionais da Psicologia — bem como de outras áreas da saúde — adotar uma postura ativa na identificação e fortalecimento das redes de apoio dos pacientes. Isso implica reconhecer o sujeito em sua totalidade, considerando não apenas seus sintomas ou comportamentos, mas também seu contexto de vida, suas relações e seus recursos internos e externos. A atuação clínica, portanto, deve ultrapassar o enfoque individualista e patologizante, promovendo práticas integradas, interdisciplinares e humanizadas, que valorizem a escuta qualificada, o vínculo terapêutico e a construção coletiva de estratégias de cuidado (Yamamoto, 2016).

Dessa forma, a promoção e o fortalecimento das redes de apoio devem ser compreendidos não como ações complementares ao tratamento, mas como parte integrante e estruturante do processo terapêutico. Investir em políticas públicas, projetos comunitários e programas de acompanhamento familiar pode representar um diferencial na eficácia do tratamento e na prevenção de recaídas, contribuindo para uma abordagem mais ampla e transformadora frente aos desafios impostos pela dependência química.

REFERÊNCIAS



ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5*. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BESSA, M. A. D. R. Redes sociais e reinserção de dependentes químicos: a importância do apoio social no processo de recuperação. *Psicologia & Sociedade*, v. 25, n. 1, p. 89–98, 2013.

COSTA, D. S.; CORTEZ, M. B. A importância da rede de apoio social no tratamento da dependência química. *Revista de Psicologia da IMED*, Passo Fundo, v. 9, n. 2, p. 233–242, 2017.

DIMENSTEIN, M. O psicólogo e a construção da saúde pública: contribuições à crítica da formação e atuação profissional. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 85–103, 2001.

SILVA, L. F.; OLIVEIRA, M. M. A participação da família no tratamento de dependentes químicos: uma análise qualitativa. *Revista da Abordagem Gestáltica*, Goiânia, v. 21, n. 2, p. 93–100, 2015.

SLUZKI, C. E. *A rede social na prática sistêmica: alternativas terapêuticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

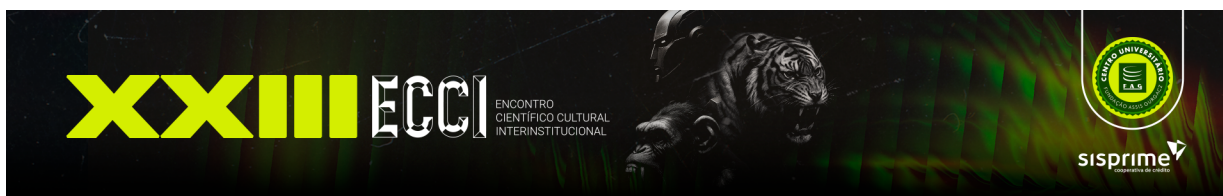
GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

TURATO, E. R. *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis: Vozes, 2003.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 20 maio 2025.

ANDRADE, A. G.; OLIVEIRA, L. G. Apoio social e recuperação da dependência química: o papel das redes sociais na reabilitação. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, v. 10, n. 1, p. 45–53, 2014.



COSTA, L. F.; SIQUEIRA, D. F. *Rede de apoio social e dependência química: implicações no tratamento e na reinserção social*. Psicologia: Teoria e Prática, v. 14, n. 3, p. 117–128, 2012.

YAMAMOTO, O. H. *Cuidado e redes sociais: interfaces entre saúde mental e atenção psicossocial*. São Paulo: Cortez, 2016.

COSTA, D. S.; CORTEZ, M. B. A importância da rede de apoio social no tratamento da dependência química. *Revista de Psicologia da IMED*, Passo Fundo, v. 9, n. 2, p. 233–242, 2017.

SILVA, L. F.; OLIVEIRA, M. M. A participação da família no tratamento de dependentes químicos: uma análise qualitativa. *Revista da Abordagem Gestáltica*, Goiânia, v. 21, n. 2, p. 93–100, 2015.